

## Coluna do Castello

Sarney em alta,  
partidos em baixa

O Presidente José Sarney está evidentemente em alta enquanto os partidos que tanto o condicionaram na constituição das equipes administrativas na mesma medida em que tinham condicionado Tancredo Neves na formação do Ministério entram em baixa. O Presidente tem sabido manter um certo equilíbrio na condução dos assuntos de Governo e de política e os partidos não estão dominando o episódio da eleição de prefeitos das capitais em novembro próximo.

O caso da dívida externa, relacionado com os cortes das despesas de custeio e investimento, vai sendo conduzido com relativa tranquilidade de modo a poupar à nação previsões catastróficas e a retirar de cena pressões em favor de atitudes radicais na negociação com o FMI e os credores. O Governo mostra-se calmo, aparentemente certo de que a situação evoluirá para uma composição de interesse a qual se chegaria sem a pressão de prazos. A área econômica parece segura de que haverá um desfecho não traumático e que na base disso não se abalará o desenho de um desenvolvimento econômico de 5, 6 e até 7%, segundo a nota mais otimista do Ministro João Sayad.

A negociação externa não entrou em impasse, segue um ritmo aceitável por ambas as partes e o Chanceler Olavo Setúbal colheu na sua visita ao exterior a impressão de que o "patamar político" será inevitavelmente um dos patamares de negociação, já que as forças de mercado não resolveriam por si mesmas a emergência das dificuldades mundiais das finanças. A França do Presidente Mitterrand abriria o primeiro flanco na ortodoxia do bloco dos credores.

Não há nervosismo no Governo quanto à rejeição do FMI aos primeiros números oferecidos pelas autoridades brasileiras. O assunto está ainda na pauta das discussões e não há vetos nem intransigências que impeçam o reexame de números de um lado e de outro. Isso é o que se depreende das declarações oficiais, das análises dos especialistas em finanças e da tranqüila postura do Governo brasileiro, que formulou projeções econômicas que considera compatíveis com os resultados das negociações em curso. Estão autoconfiantes o Presidente Sarney e sua equipe de planejamento, que trabalha para transferir a ênfase dos investimentos para o setor social e para, em consequência, abrir espaços à iniciativa privada na atividade econômica.

Na reforma agrária, o Presidente ganha tempo. Ele não abandonou a idéia de realizá-la, mas deseja superar os conflitos que se armaram em função de formulações equivocadas. Tudo indica que a prioridade da reforma se situará no Nordeste, até mesmo pela necessidade, de que fala o Ministro Ronaldo Costa Couto, de viabilizar os planos de irrigação e de restauração das áreas nordestinas afetadas pelas enchentes. O Governo desejaria fazer com que se arrefeçam as tensões geradas no Sul, deslocando o eixo do processo de reforma para que a experiência tranqüilize os donos de terra e estimule os trabalhadores sem terra a confiar no desfecho do programa de reforma agrária.

As greves entram em recesso. O Ministro Waldir Pires soube impor a autoridade no trato da greve dos previdenciários, a mais importante dos movimentos remanescentes. O Ministro Almir Pazzianotto colhe subsídios para a nova lei de organização sindical e da lei de greves, lutando contra radicalismos de ambos os lados, mas certo de que chegará a uma solução adequada que lhe permita supervisionar, sem nelas intervir, as negociações salariais que reabrirão seu ciclo em outubro e novembro.

Politicamente, os partidos vão perdendo a luta para fazer prefeitos das capitais e já se apela para o Presidente, cuja presença nos comícios já seria desejável. O Presidente Sarney, no entanto, sem embargo de aconselhar sempre no interesse da preservação da Aliança Democrática, o que nem sempre coincide com o interesse dos dois partidos que a compõem, não faz opções nem privilegia partidos ou candidatos. Na verdade, não são os partidos que disputam as prefeituras, mas os líderes que se afirmaram tradicional ou recentemente nas comunidades. Alceu Collares, Jaime Lerner, Jânio Quadros, Maurício Campos, Mário Kertsz, Jarbas Vasconcelos sobrepõem-se aos partidos, que tentam sobrepor-se a eles. Em São Paulo, o brilhante Senador Fernando Henrique Cardoso faz uma mobilização total do partido, no entanto já desgastado, mas por via das dúvidas vai estimulando o casuísmo do duplo escrutínio.

A título de curiosidade, registrem-se as diversas candidaturas femininas na disputa. No Maranhão, a luta já não é entre o PMDB e o PDS mas entre Gardênia Castelo, mulher do Senador João Castelo, e um candidato do PDT articulado pelo Sr. Neiva Moreira em Natal, a Senhora Miriam Maia é a candidata. Matarazzo Suplicy tem uma mulher como companheira de chapa. Há diversas candidatas a vice em potencial ou já escolhidas. É que pela primeira vez o eleitorado feminino nas capitais superou o eleitorado masculino, conforme dados da Justiça Eleitoral. Fatos acima, fora ou à margem dos partidos é que influenciam as decisões e fazem prever uma nova armação do quadro político na medida em que os partidos se pulverizam e se descontrolam e o símbolo do poder e da popularidade se transfere para a pessoa do Presidente.

Esse pode ser um dado provisório, mas é o que está à vista no momento.

Carlos Castello Branco